



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7553 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

“PERNINHA BRANQUINHA”: O PAPEL DO/A DOCENTE PARA CONSTRUÇÃO DA AUTOIMAGEM DE CRIANÇAS NEGRAS.

Heloisa Batista dos Santos Modesto - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

“PERNINHA BRANQUINHA”: O PAPEL DO/A DOCENTE PARA A CONSTRUÇÃO DA AUTOIMAGEM DE CRIANÇAS NEGRAS.

“Mãe, eu queria ter uma perninha branquinha e um cabelo amarelinho igual ao dos meus coleguinhas”

(L.B.M, aos 2 anos e meio de idade)

A fala inocente e emotiva que transcrevo acima foi dita pela minha criança há pouco mais de seis anos, quando fui busca-la na escola de educação infantil na qual ela estudava. Por ser uma mulher negra, ao me tornar mãe já aguardava por momentos em que ouviria falas de negação da autoimagem das minhas crianças. Acredito que tal situação aconteça com a maior parte das mães de crianças negras, principalmente quando elas ingressam na trajetória escolar. Certamente, não é uma espera desejada, mas cientes dos efeitos do racismo que estrutura a nossa sociedade, sabemos que esse dia chegará. Eu só não esperava que fosse tão cedo. Naquele momento, senti como se o amor, o carinho, o aconchego, o conforto, as palavras de motivação e elogios constantes no seio familiar não tivessem produzido resultados. As relações étnico-raciais já começavam a mostrar para a minha criança o lugar de inferioridade do negro/a no Brasil.

Apresento neste texto, parte da minha dissertação de mestrado que está em curso e é desenvolvida com crianças e adolescentes negros/as matriculados/as no Ensino Fundamental I e II, em uma escola da rede pública municipal de Belo Horizonte. Vale *negritar* que não se trata de uma escrita biográfica, mas, sim de um registro tecido entre os fios da ciência e das vivências, trazendo a “escrivência” como uma forma de conectar as minhas experiências, com as experiências dos/as pesquisados/as e com uma escrita que, apesar de ser realizada seguindo os padrões acadêmicos tem como autora, uma mulher negra advinda da periferia, mãe, professora e atuante na luta por uma educação antirracista. Todas as facetas da minha identidade atravessam a minha escrita e se concretiza nessa “escrivência”. A escolha é por não separar essas experiências e sim conectá-las. Soares e Machado (2017, p. 04) trazem a *escrivência* de Conceição Evaristo considerando que:

[...]o sujeito da literatura negra tem a sua existência marcada por sua relação e por sua cumplicidade com outros sujeitos. Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si.

A busca que se tem com essa escolha é trazer o olhar e a fala de uma pesquisadora que estuda um tema que faz parte da sua trajetória de vida e, que irá entrelaçar a sua história com as histórias dos/as pesquisados/as para produzir um registro de muitas vozes. A partir da experiência com a minha criança surgiu a indagação sobre como um indivíduo tão pequeno já demonstrava um sentimento de rejeição quanto às suas características fenotípicas[, mesmo estando matriculado em uma escola localizada na periferia de Belo Horizonte e caracterizada por um perfil de alunos/as em sua maioria negros/as, com predominância de pardos/as.

Ao buscar a resposta para esse questionamento com os profissionais da escola obtive apenas negações sobre a presença de atitudes preconceituosas. Após um longo processo de reflexão e escuta da voz da minha criança percebi que o racismo é tão estruturante que é possível negá-lo, pois muitas vezes não se tem a consciência de que estamos o reproduzindo a partir das nossas posturas. A minha criança queria ter a “perninha branquinha” e o “cabelo amarelinho” que percebia sendo elogiados a todo tempo pela professora, enquanto ela buscava aquela mesma atenção e afetividade e não as recebia.

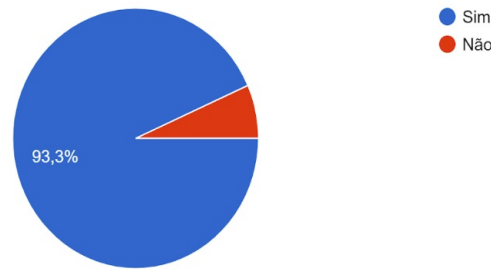
A partir dessa introdução indico que irei abordar nesse texto o papel dos/as docentes como agentes principais para a busca de mudanças nas ações pedagógicas que visem o combate ao preconceito e a implementação de uma educação antirracista. Juntamente com os/as gestores/as escolares, eles/as poderão efetivar um ensino que contemple de fato a diversidade. No entanto, apesar de a Lei n. 10.639 (Brasil, 2003), alterada pela Lei n. 11.645 (Brasil, 2008) ter entrado em vigor há 17 anos, ainda há poucos exemplos de mudanças reais nos currículos para executar as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais (Brasil, 2004). Tal fato pode ser justificado pelo “desconhecimento de professores e gestores acerca do conteúdo das Leis e das diretrizes curriculares sobre a temática”. (RODRIGUES, Tatiana *et al.*, 2016, p. 288).

Além do desconhecimento percebe-se também, que há um envolvimento maior em ações sobre o tema por docentes que possuem um interesse pessoal pelo assunto. Entretanto, é inegável que há um número expressivo de profissionais que desejam abordar o conteúdo, mas, não possuem a formação adequada, pois, poucos são os cursos de graduação que se dedicam a formação de professores/as e possibilitam aos/as estudantes um aprofundamento maior nessa área. Para desenvolver o texto e trazer o papel dos/as docentes para a construção da autoimagem de crianças negras, a metodologia utilizada foi a aplicação de um questionário com 10 questões respondido por 30 professores/as entre os meses de maio e junho de 2020. As respostas para as questões foram apresentadas em forma de gráficos, conforme o exemplo abaixo.

Gráfico I: A presença de situações de manifestações racistas na escola

Você já presenciou ou teve conhecimento de situações de manifestações de posturas racistas na escola em que alunos/as negras/os foram vitimados/as?

30 respostas



Fonte própria: levantamento de dados para análise – questionário aos/as docentes (2020)

Os resultados apresentados pelas respostas dos/as docentes permitem perceber que ainda há a necessidade de a escola investir em mais ações com vistas a implementação de uma educação antirracista, já que as manifestações de atitudes preconceituosas são frequentes em seu cotidiano e vitimam crianças e adolescentes negros/as marcando-os negativamente, interferindo diretamente na construção das suas autoimagens. Tal situação quando não recebe a intervenção adequada, fato que pode ser ligado a falta de preparo indicada pelos/as docentes e também por suas escolhas, crenças e valores pode se intensificar, prejudicando essa criança e adolescente na construção de sua identidade, sentimento de pertencimento e autoestima, terminando por contribuir para aumentar as dificuldades de aprendizagens, o desempenho e a evasão escolar da pessoa negra. Concluindo, é preciso que todos/as os/as docentes possuam esta percepção e se empenhem para alterar esta realidade, ressignificando as suas práticas pedagógicas, pois o papel que desempenha na sala de aula irá marcar positiva ou negativamente a construção da autoimagem de crianças negras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: Acesso em: 09 ago. 2016.

_____. *Lei nº 11.645*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, 2008.

_____. Ministério da Educação/Secad. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica*. 2004.

RODRIGUES, Tatiana Consentino. *et al. Desafios da implementação da Lei nº 10.639/03: um estudo de caso de municípios do Estado de São Paulo*. Rev. Educ. Campinas – SP. Set./dez., 2016.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. *"Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social*. Rev. psicol. polít., São

Paulo, v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200002&lng=pt&nrm=iso. acessos em: 03 mar. 2020.